

Santo André nos

sambas de Adoniran

Recordações sobre os tempos em que viveu na cidade inspiraram o compositor

Luiz Henrique Gurgel
Especial para o Diário

O mais famoso cronista musical de São Paulo, Adoniran Barbosa, completaria 103 anos na terça-feira. Observador da vida e dos tipos da metrópole, tirava das ruas a inspiração para seus sambas. O que pouca gente sabe é que o compositor começou a desenvolver o método em bairros de Santo André nos anos 1920.

João Rubinato – nome de batismo de Adoniran – chegou do interior paulista com a família em 1924. Viveu na cidade por dez anos, fazendo bicos de toda espécie, inclusive de garçom na casa grã-fina de um ex-ministro da Guerra, Pandiá Calógeras, que, na época, vivia em Santo André. Mas foi zanzando pelas ruas sem calça-

mento de bairros distantes, tentando vender artigos que buscava de trem, em São Paulo, que seu estilo foi se forjando. "Bolei ser mascate. Vendia meias e retalhos nas ruas, por aqueles bairros pobres. Andava o dia inteiro. Ajudava o serviço cantar um pouco. Sem querer, fui fazendo uns sambas enquanto andava. E peguei esse jeito de compor andando", declarou em entrevista na década de 1970.

Das recordações sobre esse tempo, uma, pelo menos, virou música. E não foi *Trem das Onze*, por mais que os anos em que viajou nos trens da São Paulo Railway, entre Santo André e a Capital, possam ter contribuído para aquela composição. Segundo Celso Campos Jr., autor de *Adoniran, Uma Biografia* (Editora Globo), a mais completa já escrita sobre o sambista, Adoniran costumava dizer que viveu, nesse período, experiência semelhante a do personagem de seu samba mais conhecido: "Não sou filho único, mas já morei longe com minha mãe, em Santo André, e sei o que é ter de largar a namorada para não perder o

último trem".

Outro nome seminal do samba paulista, Paulo Vanzolini, que morreu em abril, relata uma curiosa conversa com Adoniran sobre esse samba. Ele indagou Barbosa sobre o motivo de dizer, na música, que morava "em Jaçanã", em vez de "no Jaçanã", como era comum entre moradores daquele bairro. "E eu sei lá onde fica essa porcaria", respondeu Adoniran, jocosamente.

Mas a composição que nasceu no Grande ABC surgiu numa das visitas do já famoso sambista à casa do irmão Ângelo, na esquina das ruas Padre Vieira e Padre Manuel da Nóbrega, no Bairro Jardim, que hoje dá lugar a um edifício residencial. Foi ali que surgiu o samba-maxixe *Tocar na Banda*, que trazia no refrão uma divertida constatação sobre a situação do músico naqueles tempos: "Tocar na banda, pra ganhar o quê?/ Duas mariola e um cigarro Yolanda". Ele se referia à época em que ainda era apenas o Joanin, seu apelido desde a infância, e que, junto com Ângelo, tocava na bandinha do Germânia, clube da

Vila Gilda que só realizava bailes aos domingos à tarde por não haver luz elétrica no bairro. Enquanto João ia de flautim, Ângelo atacava no prato.

A história foi revelada por Sérgio Rubinato, sobrinho, amigo, produtor, engenheiro de som e acompanhante do tio famoso em seus últimos 12 anos de vida. Adoniran morreu em 1983. Sérgio testemunhou a criação do samba em meados de 1965: "Ele fez essa música na minha casa, em Santo André, conversando com meu pai. É que o pagamento deles (*na banda*) era a mariola e um maço de cigarro", conta. Mariola era um doce feito de banana ou goiaba seca. Yolanda era um dos mais famosos 'quebra-peitos' da época e trazia na embalagem a sedutora imagem de uma mulher longilínea e seminua.

Não se sabe se outras histórias vividas por Adoniran em Santo André também inspiraram sambas. Mas o fato é que as antigas ruas da cidade, ente os anos de 1920 e 1930, foram o primeiro laboratório do compositor que adorava criar observando o mundo ao redor.

Santo André é seu Jaçanã

Ademir Medici

▼ João Rubinato, o Adoniran Barbosa, viveu em Santo André entre 1924 e início da década de 1930, na sua fase de adolescência. Deixou a cidade para dedicar-se à carreira artística, mas seus descendentes aqui continuam até hoje.

No período em que morou em Santo André realizou vários serviços. O trem marcou sua vida. Apanhava o subúrbio aqui para trabalhar em São Paulo. Mais tarde, quando compôs *Trem das Onze*, retratou a sua família, as suas viagens de trem, os amores primeiros, o ir e vir daqui a São Paulo. Ocorre que Santo André não rimava com... amanhã! Daí, o Jaçanã. Licença poética clara.

Nascido em Valinhos, criado em Jundiaí, chegou a Santo André, com a família. Tinha 14 anos. Foi tecelão. E também pintor, encanador, serralheiro. Eram serviços que exigiam demais. Daí porque resolveu ser mascate, vender meias e retalhos pelas ruas andreenses.

"Nunca aprendi a fazer ne-

gócio. Comprava um par de meias por dez mil réis, vendia por oito, para acabar logo com a mercadoria e me mandar pra casa. Não dava pé, nem meia, muito menos lucro", disse ele certa vez, em uma das tantas entrevistas.

Ainda Rubinato, Adoniran trabalhou como garçom na casa de Pandiá Calógeras, que foi ministro da Guerra e que, no fim dos anos 1920, viveu em Santo André, para onde veio contratado para a instalação de uma fábrica, a Conac, semente da atual Pirelli. Adoniran ia à casa do Pandiá às 7h. Tomava café na casa, ia buscar o carro do patrão na Estação de Santo André, em um novo ofício.

Os pais, italianos, Fernando Rubinato e Ema Richini Rubinato. Irmão caçula de um total de seis. Falava com carinho da família. Referia-se a um irmão serralheiro como verdadeiro artista, 'na profissão dele'. O irmão Ângelo. Um segundo irmão, homem, pedreiro no Rio de Janeiro. E três irmãs.

Moço em Santo André, o Adoniran namorador, mulhe-

rengo incorrigível. "Só aceitava os namoros pra valer. Não gostava quando as meninas tiravam minha mão do lugar", disse ele em entrevista ao *Diário*, em 1974.

A música ele descobriu em Santo André. Tocava bateria no Jazz Band Simão, grupo do barbeiro Cantamessa, andreense. Depois tocou caixa na Banda Nova. Ou flauta, no Clube Germânia, da Vila Gilda.

No futebol, foi o bandeirinha de um time chamado Carlos Gomes, numa das raras fotos em aparece com amigos da juventude em Santo André.

Nos anos 1950, a participação em filmes da Cia Cinematográfica Vera Cruz, entre os quais o premiado *O Cangaceiro*.

Em Santo André, residiu na Rua Cesário Mota e foi lanterinha do Teatro Carlos Gomes. Pelo menos três homenagens foram prestadas a ele pelo Grande ABC: em 1978, foi tema da escola de samba Estação Primeira de Utinga. Em 1985, homenageado com a peça *O Último Trem das 11*, de Carlinhos Lira e Claudino Lucca, do grupo MCTA, de São Caetano. No pós-morte, o nome dado a um espaço cultural ao lado da Catedral do Carmo, do qual ninguém mais lembra.

Ano passado, a página Memória produziu uma exposição de fotos antigas de Santo André, a pedido do Primeiro de Maio FC, em que Adoniran foi homenageado. Título: *De João Ramalho a Adoniran Barbosa, a formação da Santo André Capital do Trabalho*. Durante mais de um ano a mostra circulou pela cidade que o recebeu e que não rima com 'amanhã'. ▲



Matilde, mulher de Adoniran, é uma das responsáveis pelo variado acervo do sambista

M S E U
SANTO ANDRÉ

MUSEU : BIBLIOTECA

Folha para Hemeroteca

Cl: 784.092

Data publicação

05/06/93

☐ Diário Grande ABC
☒ Folha de S. Paulo
☐ Outros

Assunto: Adoniran Barbosa; cantor
Compositor

Adoniran Barbosa animava o Carnaval

Da Reportagem Local

O compositor e cantor Adoniran Barbosa foi uma das personalidades mais lembradas ontem na festa dos 79 anos do Cine-teatro Carlos Gomes. Ele foi faxineiro e lanterninha do espaço, ainda na década de 20.

Adoniran não atuou artisticamente no Carlos Gomes, quando morava na rua Cesário Mota, em Santo André. Mas sua passagem pelo local não foi esquecida pelos antigos amigos porque ele "agitava as festas carnavalescas".

Carlos Manias Neto, 69, filho de Antônio Manias, que implantou as calhas do cine-teatro, em 1925, disse que seu pai era um muito amigo de Adoniran e do proprietário Arthur Gianotti. "Eles aprontavam brincadeiras folclóricas."

Manias afirmou que um dos carnavais em que Adoniran participou sempre vem à sua memória, quando lembra dos velhos tempos. "Gianotti estava vestido de pai, Adoniran de sua mulher e meu pai de bebê do casal."

O trio saiu pela Senador Fláquer, em direção ao Carlos Gomes, em clássico passeio familiar. Eles levavam um penico, com cerveja dentro, e um pacote de bolachas champanhe. No caminho, embebiavam a bolacha no penico e davam aos participantes da festa de carnaval do cine-teatro. "O pessoal comia meio enoiado."



O cantor Adoniran Barbosa, que morou em Santo André